



# Brincar e associação livre: semelhanças e diferenças no tratamento psicanalítico da criança e do adulto

*Cátia Olivier Mello\*, Porto Alegre*

*Este trabalho aborda as semelhanças e diferenças entre duas formas privilegiadas de comunicação no tratamento psicanalítico de adultos e de crianças: os fenômenos da associação livre de idéias e do brincar respectivamente. O brincar como equivalente da associação livre no tratamento de crianças, bem como a presença de momentos lúdicos no tratamento de adultos são apontados como evidência da interseção entre os dois fenômenos.*

---

\* Candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



O objetivo deste trabalho é abordar o tema da associação livre de idéias, seu surgimento e sua evolução na psicanálise de adultos e seu equivalente no tratamento de crianças, o brincar. Este é compreendido de uma forma ampla, como um fenômeno humano, razão pela qual a presença de momentos lúdicos no tratamento de adultos é também apontada. Não é objetivo deste trabalho esgotar o assunto, mas sim refletir sobre as duas maneiras de se comunicar (livre associação de palavras e de atos de brincar) no tratamento psicanalítico de adultos e de crianças, suas diferenças, semelhanças e áreas de intersecção. Para isto, inicialmente procura-se situar historicamente o surgimento da livre associação de idéias como técnica de investigação, tal como foi proposta por Freud em 1900, seguida de sua evolução.

### **Associação livre: rastreando a história**

A psicanálise foi criada por Freud como um novo método de tratamento para aliviar o sofrimento psíquico de pacientes neuróticos. Ao mesmo tempo, com o atendimento e posterior reflexão sobre os casos, Freud foi escrevendo, aprimorando e rediscutindo uma teoria psicológica que legitimava tais atendimentos. De posse dos conhecimentos teóricos e da experiência adquirida com os primeiros tratamentos, por sua vez, Freud ia investigando mais e mais a mente humana e corrigindo a própria teoria, ao ponto de uma nova concepção de homem ter sido possível de ser pensada após a criação da psicanálise: um homem que podia pensar sobre si mesmo não somente em um grau consciente, mas também inconsciente. Assim, a um só tempo a psicanálise originou-se como ferramenta de investigação, método terapêutico e modelo metapsicológico que os embasava (Spacal, 1990). Vários elementos, neste percurso, foram centrais para que a nova ciência assim se estabelecesse. A associação livre de idéias foi, sem dúvida, uma delas e, em sua concepção inicial, apresentava-se como uma ferramenta de investigação da mente.

Quando Freud preconizou a associação livre de idéias, esta era compatível com o princípio do associacionismo psicológico, já conhecido pela comunidade científica naquela época. Tal princípio derivava do nominalismo de Hobbes (1983), descrito em sua obra de 1654, *Sobre o corpo*, e da filosofia antiinatista de Locke (1983), publicada em 1690 em seu *Ensaio acerca do entendimento humano*. Para Hobbes, as imagens associavam-se na consciência formando um discurso mental, ainda que tal associação pudesse ser considerada “aventureira” quando se estivesse sonhando. Entretanto, um observador acordado e atento seria capaz de encontrar o nexos que estaria associando tais imagens aparentemente desordenadas. Na filosofia de Locke, as idéias compostas compunham-se de idéias simples, as quais iam-se associando





não de forma inata, mas a partir da experiência do sujeito com o mundo externo e com a própria reflexão acerca das idéias advindas dessas experiências.

Assim, o conhecimento de que as idéias podiam se associar permitia que esse princípio fosse utilizado não só na filosofia, mas em vários campos do conhecimento humano. Freud percebeu que a associação livre era muito mais útil e harmônica como ferramenta investigativa de seu novo método de tratamento da mente humana do que a hipnose, a qual era usada para obter os efeitos catárticos de relembrar vivências passadas traumáticas. Com efeito, em *A interpretação de sonhos* (Freud, 1900) se observa o modo de Freud compreender este novo método investigativo, qual seja, o de que a pessoa era convidada a observar-se, como se constata num trecho de *Sobre os sonhos*, escrito por ele em 1901:

*“(...) Esse procedimento é fácil de descrever, embora sejam necessários ensinamentos e exercícios para que ele possa ser posto em prática. Quando o utilizamos com outra pessoa, digamos, um paciente com uma fobia, lhe pedimos que dirija sua atenção para a idéia em causa, mas não para refletir sobre ela como tantas vezes já fez e sim para observar o que quer que lhe venha à mente, sem exceção, e comunicá-lo ao médico. (...) E, de fato, logo lhe ocorrem numerosas idéias que conduzirão a outras, mas que são invariavelmente prefaciadas por um juízo do auto-observador no sentido de que são absurdas ou sem importância, de que são irrelevantes e lhe ocorreram por acaso, sem qualquer ligação com o assunto em exame” (p. 673).*

Como se pode ver, o método da associação livre foi instituído por Freud primariamente como uma modalidade introspectiva. Ainda em *A interpretação de sonhos* (Freud, 1900), ele acrescenta que, embora possa haver críticas quanto à ambigüidade de interpretação de cada elemento sonhado, esta ambigüidade é maior para o observador externo do que para o sonhador. Assim, enfatiza o valor da interpretação que o próprio sonhador confere ao seu sonho por intermédio do método investigativo da associação livre.

Assim como a psicanálise ia evoluindo ao mesmo tempo no campo teórico e no prático, e os resultados com os primeiros pacientes ajudavam a construir a teoria que por sua vez auxiliava estes mesmos pacientes, também o uso de sua ferramenta de investigação, a associação livre de idéias, ia se modificando. De fato, constata-se que, uma vez pondo o método do livre associar em prática, tanto paciente quanto analista se deparam com os fenômenos da transferência e da resistência. Mesmo dando-se conta destes novos movimentos inerentes ao processo, Freud nunca relegou a um segundo plano a tarefa do paciente de livre associar. Ao contrário, com a percep-





ção da transferência pelo analista, mais atenção ainda deveria ele prestar ao seu paciente, ajudando-o assim a perceber quando se desviasse do livre associar.

Assim como Freud, seus seguidores nunca abandonaram a livre associação como regra fundamental para que o trabalho se desenvolvesse. Observam-se, contudo, ajustes que, com o avanço da teoria e da teoria da técnica, foram-se instalando no decorrer dos anos. A interpretação transferencial como ferramenta de trabalho para auxiliar o paciente a compreender o que se passa durante a sessão analítica, por exemplo, foi um destes ajustes advindos do avanço da técnica psicanalítica que se somaram à prática de o paciente somente livre associar e, a partir somente da auto-observação, chegar a um conhecimento novo sobre si mesmo.

Desde então se distingue o método investigativo (auto-observador) de livre associar e a regra da associação livre utilizada no tratamento psicanalítico. O primeiro refere-se a um procedimento individual, inicialmente usado por Freud em sua auto-análise e do qual qualquer pessoa pode lançar mão se quiser. Já a segunda é aquela que solicita ao paciente que utilize o método de investigação da livre associação dentro de um contexto relacional, para que não somente ele se auto-observe, mas também o analista possa prestar atenção à cadeia associativa produzida no contato consigo. Assim é que, em psicanálise, hoje, se pede ao paciente que se sinta livre para dizer ao seu analista o que lhe vier à mente, e o que advier daí será compreendido dentro do contexto relacional da dupla, não mais no sentido de somente ajudá-lo a se auto-observar. Com o advento da teoria das relações objetais e a valorização dos fenômenos do campo analítico, a regra fundamental obteve um novo *status*, e os princípios investigativo e terapêutico se misturaram de forma indissolúvel na psicanálise atual.

Se, nos primórdios da psicanálise, ficava estabelecido que, por intermédio da associação livre de idéias, era possível chegar-se ao inconsciente dos adultos, o mesmo não se podia dizer com tranquilidade a respeito das crianças. Quando passamos para a análise de crianças, o fenômeno do brincar é utilizado como o melhor equivalente da associação livre.

### **Equivalência entre associação livre e brincar**

A análise de crianças iniciou-se com Hermine Von Hug-Hellmuth (1921), primeira psicanalista a se ocupar regularmente do tratamento de crianças, em 1920. Tanto ela quanto Anna Freud (1926) pensavam que a falta de associações livres observada no atendimento de crianças era um problema, indicando que não tinham força de ego e auto-observação suficientes para corresponder a uma atitude analítica





adequada, ou seja, desenvolver sentimentos transferenciais que pudessem ser psicanaliticamente interpretados pelo analista (Elmhirst, 1988).

A seguir, Melanie Klein (1926) e Anna Freud (1926) chegam à primeira nova conclusão importante, qual seja, de que a diferença entre psicanalizar adultos ou crianças não estava na teoria, mas sim na técnica, sendo que a modificação técnica advinda da hipótese original de que haveria uma equivalência da associação livre de idéias pelo comportamento de brincar foi proposta por Klein. A partir daí, o fato observado não mais impediu as crianças de serem analisadas à luz da técnica analítica clássica, pois o uso que faziam dos brinquedos, juntamente com o discurso espontâneo, sons e movimentos passaram a ser tomados como um equivalente da associação livre nos adultos. Ainda que concordando quanto a este ponto, Anna Freud e Klein sempre tiveram divergências sérias, tanto do ponto de vista da teoria quanto da técnica, quanto a como analisar crianças.

Mais recentemente, a questão da analisabilidade das crianças foi objeto de estudo e pesquisa por Santa Roza (1999). A autora indica a influência da psicanálise lacaniana e o purismo de seus seguidores como um dos motivos que fez com que parecesse viável e legítima, desde Lacan, uma psicanálise na qual somente a linguagem restrita à palavra fosse possível.

Como se sabe, para Lacan o significado desliza por intermédio do significante – palavra –, o qual é a chave para se chegar ao significado. Seguindo-se este referencial, o brincar como linguagem passou a ser questionado e tornou-se, dessa forma, menos do que a palavra, introduzindo um juízo de valores que anteriormente não havia em psicanálise. Santa Roza sustenta que é teoricamente possível conceber-se a análise infantil por intermédio da linguagem do brincar, ainda que não a considere como equivalente da associação livre adulta. Afirma isto apoiando-se na distinção existente entre a palavra e o gesto contido no brincar, mostrando a diferença entre a linguagem verbal e a gestual.

Para dar conta da linguagem gestual, pensa esta autora, é necessário refletir sobre algo que se chama “jogos de ocultação” (o esconde-esconde, o jogo de carretel de Freud), os quais são precedidos, na tarefa de antecipar a presença e a ausência das coisas, pelos objetos transicionais. O conceito de fenômeno transicional refere-se a uma área intermediária entre o corpo da criança e o corpo da mãe, designada por Winnicott (1951) como espaço potencial, que não pertence a nenhum dos dois, é uma área de ilusão. Nessa perspectiva, os fenômenos transicionais podem ser compreendidos como precursores das operações simbólicas, apontando para um momento de transição a partir do qual surgirá uma série de jogos com o caráter de ocultação. Estes se observam em várias brincadeiras de desaparecer/reaparecer, nos quais o prazer está em ocultar e desvendar o próprio corpo ou o corpo do adulto. São constituídos





em torno do par de opostos dialético da presença e da ausência, os quais por sua vez são precursores do simbolismo.

Conforme vai amadurecendo, observa-se que a criança brinca utilizando-se de gestos, posturas, expressões, inflexões e imagens, os quais comportam vários significados na maioria das vezes. Trata-se de uma linguagem que Santa Roza chama, valendo-se de uma nomenclatura utilizada pela engenharia, de analógica, em contraponto à linguagem da palavra, que é digital. A linguagem analógica, assim compreendida, é imprecisa e, por isto mesmo, comporta a possibilidade de variadas hipóteses e sentidos para um mesmo ato de brincar. Já na linguagem digital, considerando-se este referencial, cada palavra equivale a um objeto, sentimento, imagem, ou a um conjunto deles. Mesmo objetos de um único conjunto têm denominações diferentes entre si. Já no brincar observamos o contrário: um mesmo gesto de brincar encerra muitos significados, na medida em que condensa imagens, ações, sons, sentimentos. A autora argumenta que o brincar não é preciso, não é digital como a palavra, que nomeia um sentimento, uma ação, um som ou um objeto. Assim, conclui que a natureza do brincar é diferente da natureza da palavra. Ao contrário da palavra, que é precisa, brincar é ambíguo por definição.

Se por um lado esta autora defende esta distinção entre a natureza do brincar e da palavra, por outro lado reconhece que *“tal distinção não constituiu um impedimento para o desenvolvimento da psicanálise de crianças: ela deve a sua existência ao valor de linguagem atribuído ao brincar por Melanie Klein, que o utilizou como um método que possibilita o acesso à fantasia, às construções de ficção em que se realiza o desejo”* (p.71).

O analista (tanto de crianças quanto de adultos) se dispõe a auxiliar o paciente a conhecer determinados conteúdos ou significados que não lhe são acessíveis à consciência em função de inibições, conflitos, sintomas. Durante uma sessão, um determinado significado pode parecer ao analista o mais importante, ou mesmo o único possível naquele momento. Assim como o analista de adultos se vale da associação livre de seu paciente (entre outros indicadores) para compreender qual o significado inconsciente presente naquilo que ouve, o analista de crianças aprende a observar o brincar de seu paciente. Naturalmente, o faz respeitando o ritmo e os significados apresentados pela criança e não arbitrariamente. Devido à natureza analógica do brincar, entretanto, é provável que mais de um significado esteja presente naquele único ato de brincar, requerendo do analista o cuidado de saber, junto com seu paciente, qual deles a criança está associando (livremente) com o anterior. E haverá momentos, devido à natureza do brincar, difíceis de serem transcritos em termos digitais, ainda que a interpretação busque avançar para além da mera transformação do que não pode ser dito em palavras, do que é analógico para algo digital. Com o auxílio do





analista, entretanto, tais momentos (com ou sem palavras, analógicos ou digitais) poderão ser compreendidos no campo analítico em termos do afeto, da condensação de idéias ou de imagens relevantes naquele período de tratamento que a dupla vive.

Uma vez que a atividade de brincar não se restringe à prática clínica, vale registrar a dificuldade que é pesquisar o tema, mesmo que fora do *setting* terapêutico, ilustrando assim a dificuldade que pode estar presente quando se tenta chegar a um mesmo denominador com relação ao significado do brincar. Nos resultados de uma das raras pesquisas acerca dos temas das brincadeiras, realizada por Marans et al. (1991), as crianças alternaram entre temas do *setting* e da fantasia. Embora os temas não tenham variado muito, os avaliadores concordam apenas moderadamente quanto aos temas presentes nas entrevistas. Como se vê, a dificuldade de diferentes observadores chegarem a um mesmo denominador, quando se referem ao brincar, é grande, e podemos pensar se esta dificuldade não se deve exatamente à característica analógica do brincar. Assim como, para a criança, cada ato de brincar encerra muitos significados, as possibilidades de interpretação são variadas também para quem as observa. É possível conjecturar-se que, tal como Freud teorizava e preconizava sobre a associação livre, possivelmente quem pode melhor informar acerca de seu brincar é o próprio paciente. Assim, se é verdade que se deve respeitar a sua maneira mais genuína de ser, ou seja, o seu brincar, também é importante que se saiba que nem sempre o significado que nos parece se seguir a outro significado em termos do brincar pode ser o que está sendo proposto pela criança, uma vez que cada ato de brincar encerra muitos significados.

Esta questão torna-se ainda mais relevante quando pensamos que a psicanálise é um método de tratamento que se propõe, por intermédio da interpretação da relação transferencial do paciente para com o seu analista, lhe propiciar uma crescente apropriação de suas dificuldades até então sofridas mas não conscientizadas. É por intermédio do *insight* que alcançamos uma visão nova e distinta de nós mesmos. Tal processo, contudo, aplica-se ao *paciente*, não se aplica ao analista, mesmo quando este se dá conta de algo sobre o seu paciente, conforme alerta Etchegoyen (1987).

Vislumbra-se, aqui, a questão de quando há uma real tomada de consciência por parte do paciente. Para isto, é necessário que cada paciente seja respeitado na sua mais genuína maneira de se expressar, o que equivale a dizer, em termos psicanalíticos, que lhe seja respeitada ao máximo a regra da livre associação ou, no caso de crianças, de seu melhor equivalente, o brincar. Além disso, como lembram Ekstein & Friedman (1957), brincar requer uma certa maturidade de organização de ego, a qual somente é possível quando a mente não é invadida pelos precursores do pensamento tais como *acting out*. Esta é mais um das razões para se ponderar quando é que o brincar está de fato comunicando algo.





## Brincar: fenômeno humano

Não é, no entanto, somente para as crianças que o brincar é importante. Assim como a associação livre guardava uma dimensão existencial para Freud, também para o brincar existe a questão filosófica acerca de por que existe esta atividade na vida humana. Huizinga (1938), por exemplo, descreve o brincar como sendo possuidor de cinco características formais: é uma atividade livre (não podendo ser imposto), desinteressado (ainda que seja necessário para o indivíduo), tem limites de tempo e espaço, possui regras próprias e tem valor ético. Assim, defende a tese de que o brincar constitui as bases da civilização, uma vez que é um fato mais antigo do que a cultura.

Filosofia à parte, a razão pela qual as crianças brincam já teve variadas explicações desde o séc. XVIII, de quando datam os primeiros registros a respeito desta questão, como descreve Tahkvar (1988). As definições acerca de por que as crianças brincam evoluíram desde uma atividade que serviria para (1) descarregar um excesso de energia, (2) relaxar o organismo após um grande esforço mental, (3) exercitar papéis que seriam exercidos na vida adulta, (4) recapitular as etapas evolutivas da espécie humana. No século XX em diante, o brincar passou a ser considerado como parte de algo mais amplo, tal como o desenvolvimento cognitivo ou emocional e não como algo que se encerra em si mesmo.

A maneira como a psicanálise compreende o brincar insere-se nesse grupo que compreende o brincar como uma forma de expressão privilegiada das crianças e a utiliza no seu tratamento. Neste, é possível à criança vivenciar ativamente aquilo a que foi submetida ou que viveu passivamente num outro momento e, assim, sentir-se sujeito da experiência vivida.

Desde o séc. XVIII até hoje, alguns pontos puderam ser melhor contextualizados e mais acuradamente problematizados, os quais, se bem não modifiquem o fato de que se pode utilizar o brincar das crianças para auxiliá-las a resolverem seus conflitos em psicanálise, precisam quando e como utilizá-lo. O estudo mais amplo acerca do brincar ultrapassa os objetivos deste trabalho, para o qual gostaria de ressaltar apenas que a criança brinca para se comunicar e interagir (Mello et al., 1997) e que a brincadeira somente se estabelece quando a mensagem “é de brincadeira” (Bateson, 1955), é veiculada entre os participantes. Além disso, esta é uma atividade contextualizada (Vygotsky, 1933; Sager e Sperb, 1999), o que equivale a dizer que o local, os objetos, o clima psicológico envolvido, a relação existente entre os participantes da brincadeira são importantes para a escolha do conteúdo e da forma como as brincadeiras são organizadas.







## **Considerações finais: a linguagem do brincar no tratamento psicanalítico dos adultos**

No contexto psicanalítico, encontramos autores que entendem o brincar como estando presente em alguns ou quase todos os momentos da sessão analítica. Winnicott (1951), por exemplo, chega mesmo a afirmar que a atividade clínica psicanalítica com crianças se dá na intersecção de duas áreas lúdicas, a do analista e a do paciente. Mais recentemente, Parsons (1999) argumenta que o brincar está sempre presente durante a análise. O autor observa que tanto na análise de crianças quanto na de adultos há momentos lúdicos (não cômicos), nos quais o humor espontâneo surge quando foi possível aprofundar-se algum aspecto da transferência e que a função do enquadre psicanalítico de brincar é manter uma realidade paradoxal que está continuamente em operação.

Com efeito, a própria transferência se enquadra exatamente na definição de realidade paradoxal, a qual é definidora do brincar segundo Bateson (1955), qual seja: tudo o que se passa entre as duas pessoas que estão brincando é verdade enquanto o contexto de brincadeira se mantiver. Para isto, contudo, é necessário que os dois participantes possam enviar e receber a mensagem “é de brincadeira” continuamente. Quando este contexto se desfizer, desfaz-se também a realidade do brincar. De fato, pode-se estabelecer um paralelo entre duas crianças que brincam de faz-de-conta (e que sabem que não são tais ou quais personagens, embora vivam intensamente a fantasia) e a percepção revivida pela transferência, na qual tanto paciente quanto analista sabem que os papéis ali vivenciados só fazem sentido no contexto da sessão. São reais e irrealis, paradoxalmente, sem nenhum prejuízo do teste de realidade. É a liberdade da qual falam os filósofos sendo empregada psicanaliticamente com objetivos terapêuticos, num ambiente controlado.

Assim, observa-se que tanto a associação livre de idéias, método de investigação por excelência no tratamento psicanalítico de adultos, pode e tem sido aplicada com sucesso para a análise de crianças, como também se observa que o fenômeno brincar, tradicionalmente infantil, se tomado na sua essência filosófica, legítima o enquadramento da sessão psicanalítica de adultos. O avanço da teoria e da técnica problematizaram e encontraram soluções para o dia-a-dia com pacientes, nos quais tanto associação livre (Green, 2000) quanto brincar (Parsons, 1999) passaram a ser aproveitados não somente de forma investigativa, mas também terapêutica.

Por último, podemos procurar estender as preocupações acerca de que tipo de linguagem está em voga num determinado momento do tratamento de adultos. Pode-se pensar que haverá momentos essencialmente lúdicos durante o processo psicanalítico, nos quais somente a linguagem analógica dá conta da experiência vivida pela





Cátia Olivier Mello

dupla paciente-analista. Nestes momentos de uma sessão, ou em um conjunto de sessões, pouco pode ser colocado digitalmente em palavras, pois a condensação de experiências revividas, ou, quem sabe, vividas pela primeira vez, não comportaria uma só palavra, ou ainda que seja um conjunto delas. Há que se esperar até que o processo de elaboração possa se instalar (Etchegoyen, 1987), para que palavras possam fazer sentido para determinados momentos, sentimentos, lembranças. Há afetos, há movimentos, que não poderão ser digitalizados. Outros momentos poderão ser transformados em palavras, significados ou ressignificados. Caberá ao analista a sensibilidade para definir quando e como abordar determinado conteúdo a respeito de seu paciente, respeitando sua idade e o contexto particular de cada momento do tratamento. □

## Summary

This paper talks about the peculiarities of two privileged ways of communication in the psychoanalytic treatment of adults and children, namely free association and play. Play as equivalent of free association within children's treatment as well as the presence of playful moments within adult's treatment are pointed out as evidence of an intersection area between these phenomena.

## Resumen

Este trabajo aborda las semejanzas y diferencias entre dos formas privilegiadas de comunicación en el tratamiento psicoanalítico de adultos y de niños: los fenómenos de la asociación libre de ideas y del jugar respectivamente. El jugar como equivalente de la asociación libre en el tratamiento de niños, así como la presencia de momentos lúdicos en el tratamiento de adultos se los muestra como evidencia de la intersección entre los dos fenómenos.

## Referências

- BATESON, G. (1955). A theory of play and fantasy. In: *Steps to an ecology of mind: collected essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution and Epistemology*, p.177-193. New York: Chandler, 1972.
- EKSTEIN, R. e FREIDMAN, S. W. (1957). The function of acting out, play action and play acting in the psychotherapeutic process. *J. Amer. Psychoanal. Assn*, 5, 581-629.
- ELMHIRST, S. I. (1988). The kleinian setting for child analysis. *Int. R. Psychoanal.*, 15, 5-12.





- ETCHEGOYEN, H. (1987). *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- FREUD, A. (1926). Introdução à técnica da análise de crianças. In: *O tratamento psicanalítico de crianças*, p.19-86, Rio de Janeiro: Imago, 1971.
- FREUD, S. (1900). A interpretação de sonhos (segunda parte). *E.S.B. vol. 5*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1901). Sobre os sonhos. *E.S.B. vol. 5*. Rio de Janeiro: Imago.
- GREEN, A. (2000). The central phobic position: a new formulation of the free association method. *Int. J. Psychoanal.*, 81, 429-452.
- HOBBS, T. (1983). Vida e obra. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- HUGH-HELLMUTH, H. (1921). On the technique of child analysis. *Int. J. Psychoanal.*, 2, 287-305.
- HUIZINGA, J. (1938). *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- KLEIN, M. (1926). Fundamentos psicológicos da análise de crianças. In: *A Psicanálise de crianças. Obras completas de Melanie Klein*, v. 2, p. 23-35. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. (1955). A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos. Obras completas de Melanie Klein*, v. 3, p. 150-168. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LOCKE, J. (1690). Ensaio acerca do entendimento humano. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MARANS, S.; MAYES, L.; CICHETTI, D.; DAHL, K.; MARANS, W.; COHEN, D. (1991). The child-psychoanalytic play interview: a technique for studying thematic content. *J. Amer. Psychoanal.*, 1015-1036.
- MELLO, C. O.; FACHEL, J. M. G. e SPERB, T. M. (1997). A interação social na brincadeira de faz-de-conta: uma análise da dimensão meta-comunicativa. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 13, 119-130.
- PARSONS, M. (1999). The logic of play in Psychoanalysis. *Int. J. Psychoanal.*, 80, 871-884.
- SAGER, F. ; SPERB, T. M. (1999) O brincar e os brinquedos nos conflitos entre crianças. *Reflexão e Crítica*, 11(2), 309-326.
- SANTA ROZA, E. (1999). *Quando brincar é dizer – a experiência psicanalítica na infância*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- SPACAL, S. (1990). Free association as a method of self-observation in relation to other methodological principles of Psychoanalysis. *Psychoanal. Quarterly*, 59: 420-436.
- TAKHVAR, M. (1988). Play and theories of play: a review of the literature. *Early child development and care*, 39, 221-244.
- VYGOTSKY, L. S. (1933). O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- WINNICOTT, D. W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *Textos selecionados da Pediatria à Psicanálise*, 389-408. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

Recebido em 01/11/2002

Aceito em 14/08/2003

**Cátia Olivier Mello**

Rua Ferreira Viana, 511/902  
90670-140 – Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: catiamello@uol.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA

